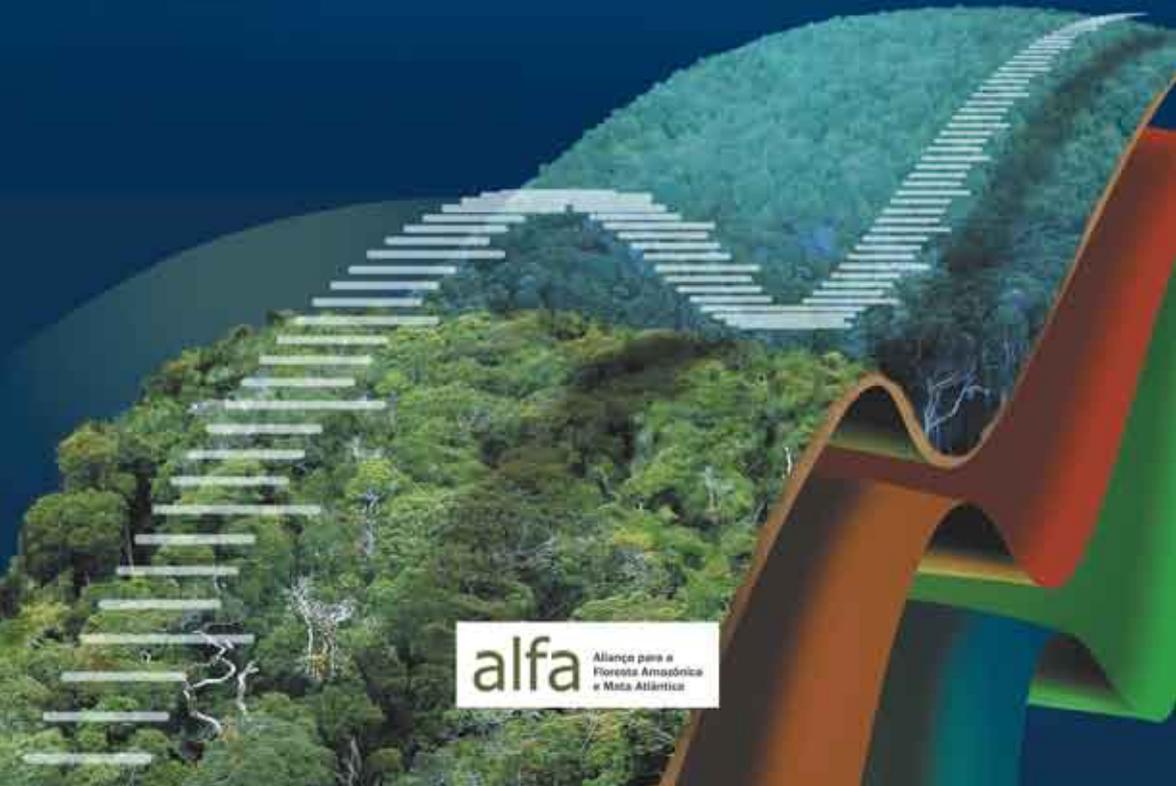


O MANEJO DA PAISAGEM E A PAISAGEM DO MANEJO

Organizadores:

Nurit Bensusan e Gordon Armstrong



alfa

Aliança para a
Floresta Amazônica
e Mata Atlântica

Paisagens naturais, paisagens fragmentadas, paisagens agrícolas, paisagens florestais, paisagens indígenas, mosaico de paisagens. O conceito da unidade da paisagem, de múltiplas escalas, formas, e usos econômicos, facilita a organização e definição de opções de manejo da terra. No manejo e gestão das unidades de conservação bem como na exploração econômica dos recursos naturais, a unidade da paisagem agrega características biofísicas, econômicas, políticas e sociais para melhor aplicar os conhecimentos científicos de forma planejada.

O manejo planejado nas paisagens busca a possibilidade da sustentabilidade dos sistemas econômicos e naturais em contraste com o não-manejo: a exploração irracional dos recursos naturais. A história mostra que a ausência de manejo leva à retirada e esgotamento dos recursos naturais, os quais por natureza deveriam ser renováveis, com subsequente colapso da base econômica e geração da pobreza.

Tal como a fragmentação nas paisagens, a recuperação das paisagens fragmentadas depende da intervenção humana. Porém a perspectiva do clima mais quente e seco, provocado pelo aquecimento global, torna os ecossistemas ainda mais vulneráveis. O manejo inteligente das paisagens de conservação e de uso sensato dos recursos naturais enxerga a paisagem futura, não só as circunstâncias e lucro do momento.

Cada vez mais o Estado toma consciência da responsabilidade de zelar pelo bem público manejando as terras que lhe pertencem. O primeiro passo é definir e demarcar as áreas públicas. O segundo é definir opções de manejo. A gestão das paisagens florestais públicas brasileiras para garantir que permaneçam tanto

O Manejo da Paisagem e a Paisagem do Manejo

M274 O manejo da paisagem e a paisagem do manejo. /
coordenadores, Nurit Bensusan, Gordon Armstrong
- Brasília : Instituto Internacional de Educação do
Brasil, 2008
300 p. : il. ; 21 cm.
Coletânea de artigos de vários autores.
1. Manejo florestal - Amazônia. 2. Desenvolvimento
sustentável. 3. Ecologia florestal. 4. Projeto ambiental. 5.
Madeira - exploração. I. Bensusan, Nurit. II. Armstrong,
Gordon. III. Título.

CDD 634.9209811
CDU 502.63(81)

Ficha Técnica

Coordenação Editorial e Produção
Nurit Bensusan

Revisão
Di Sergi

Projeto Gráfico
Cartaz Criações e Projetos Gráficos

Diagramação
Marcelo Rubartelly



“Esta publicação foi realizada com o apoio do povo dos Estados Unidos por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). O conteúdo desta publicação é de responsabilidade de seus autores e não necessariamente reflete as opiniões da USAID ou do Governo dos Estados Unidos.”

SUMÁRIO

Introdução

Gordon Armstrong

9

Seção I

A paisagem

17

Capítulo 1

Fragmentando e desfragmentando paisagens:
lições da Mata Atlântica e da Floresta Amazônica

Eduardo H. Ditt, Ronei S. de Menezes e Cláudio V. Padua

21

Capítulo 2

Monitoramento e planejamento da paisagem

*Carlos Souza Jr., Paulo Barreto, Anderson Costa, Cintia Balieiro,
Kátiuscia Fernandes, Rodney Salomão e Sâmia Nunes*

37

Capítulo 3

Os povos tradicionais e o ordenamento
territorial no Baixo Rio Negro em uma perspectiva
da conservação e uso sustentável da biodiversidade

*Thiago Mota Cardoso, Filipe Mosqueira, Mariana Gama Semeghini
e Leonardo Pereira Kurihara*

67

Capítulo 4

O setor madeireiro da Amazônia brasileira

Wandreia Baitz, Denys Pereira e Marco Lentini

87

Capítulo 5

A pecuária na Amazônia Legal: expansão
da produção e de mercados

Ritamauria Pereira e Paulo Barreto

105

Capítulo 6

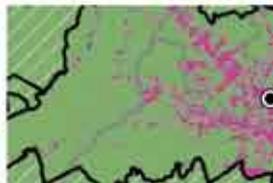
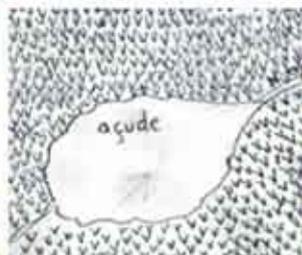
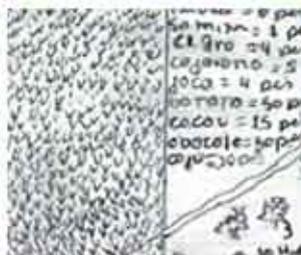
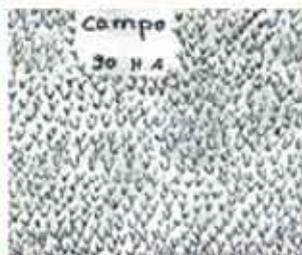
Planejando futuros sustentáveis
para os pequenos produtores:
Programa Proambiente Pólo Alto Acre

*Carlos Valério A. Gomes, Wendy-Lin Bartels, Marianne Schmink,
Adair Pereira Duarte e Hilza Domingo S. S. Arcos*

119

SUMÁRIO

Seção II - O manejo	157
Capítulo 7 O manejo florestal como estratégia de conservação e desenvolvimento socioeconômico na Amazônia: quanto separa os sistemas de exploração madeireira atuais do conceito de manejo florestal sustentável? <i>Mark Schulze, Jimmy Grogan e Edson Vidal</i>	161
Capítulo 8 Capacitação e treinamento: um caminho para a conservação de nossas florestas <i>Suelene Couto e Maximiliano Roncoletta</i>	215
Capítulo 9 A expansão do manejo florestal comunitário na Amazônia brasileira: oportunidades e limites <i>Manuel Amaral Neto, Paulo Amaral, Katiuscia Fernandes e Gordon Armstrong</i>	229
Capítulo 10 Resultados e análises da certificação FSC do manejo florestal comunitário no Brasil - visão do Imaflora <i>Ana Patricia Cota Gomes e Luís Fernando Guedes Pinto</i>	247
Capítulo 11 A Feira de Produtos Florestais do Acre: fortalecendo espaços para integração entre comunidades e mercados <i>Richard H. Wallace, Maria Jeigiane Portela da Silva, Francieleide Lopes de Nascimento e Marianne Schmink</i>	263
Capítulo 12 A Feira Brasil Certificado <i>Priscila Mantelatto, Alessandra Arantes e Andre de Freitas</i>	293
Conclusão <i>Nurit Bensusan</i>	301



Capítulo 8

CAPACITAÇÃO E TREINAMENTO: UM CAMINHO PARA A CONSERVAÇÃO DE NOSSAS FLORESTAS

CAPACITAÇÃO E TREINAMENTO: UM CAMINHO PARA A CONSERVAÇÃO DE NOSSAS FLORESTAS

Suelene Couto¹ e Maximiliano Roncoletta²

APRESENTAÇÃO

Este artigo pretende expor o trabalho realizado, entre 2003 e 2006, pelo Instituto Floresta Tropical - IFT, no âmbito de uma parceria de sete conceituadas entidades brasileiras, o Consórcio Alfa, cuja proposta era “apoiar ecossistemas naturais e melhorar as condições de vida das populações na Amazônia brasileira e Mata Atlântica” e que propunha, entre outras ações, buscar novas alternativas para o uso racional de nossas florestas.

Descrevemos aqui o desafio que representou para o IFT, transpor barreiras e disseminar conhecimentos, a fim de, não apenas atingir as metas propostas no âmbito do Consórcio Alfa, mas, principalmente, comprovar a possibilidade de uma mudança de atitude de atores do setor florestal, como consequência dos trabalhos de capacitação e conscientização realizados ao longo desse tempo.

O QUE É O INSTITUTO FLORESTA TROPICAL - IFT

O IFT foi a entidade pioneira no Brasil a trabalhar com capacitação e treinamento operacional em manejo florestal (MF) e exploração de impacto reduzido (EIR), visando à produção e gestão dos recursos florestais. Desde 1997, já foram atendidas mais de 3.200 pessoas, dos mais diferentes perfis e formações, de empresários florestais a comunitários tradicionais, de pesquisadores seniores a estudantes secundários, de pequenos agricultores a especialistas na área florestal, ministrando cursos no Brasil, nos países amazônicos e atendendo, também, todos os países integrantes da OTCA³. Essa diversidade possibilitou, ao IFT, o desenvolvimento de um programa de treinamento em manejo florestal com uma metodologia única no Brasil, a qual se mostrou eficiente pela sua simplicidade, praticidade, entendimento e adoção por parte dos participantes.

¹Assistente Executiva do IFT.

²Gerente Operacional do IFT

³ OTCA - Organização do Tratado de Cooperação Amazônica.

Ao longo de sua existência, o IFT pôde, também, contribuir com a implantação da certificação florestal FSC na Amazônia brasileira, por meio de inúmeras parcerias com entidades e empresas florestais, objetivando sempre o apoio à implantação e manutenção de áreas florestais bem manejadas. Participou, ainda, da construção e implantação de padrões de certificação FSC que são adotados, até hoje, pelas empresas e entidades certificadoras. Além disso, colaborou na formação de auditores florestais, com a realização de eventos de capacitação para esse grupo de profissionais.

O Instituto tem como missão promover a adoção de boas práticas de manejo florestal na região amazônica, contribuindo para a conservação dos recursos naturais e a melhoria da qualidade de vida da população. Ele atua, de forma direta, na execução de projetos, programas ou planos de ações, por meio de recursos físicos, humanos e financeiros, ou, indiretamente, na prestação de serviços intermediários de apoio a outras organizações sem fins lucrativos, centros de treinamento ou a órgãos dos setores públicos que atuem em áreas afins.

Os objetivos do IFT visam à melhoria das práticas de manejo florestal na Amazônia por intermédio de ações que permitam:

- I. capacitar os principais atores para a adoção do manejo florestal e poder contribuir para a obtenção da Certificação Florestal;
- II. apoiar todos os atores no uso dos recursos florestais a longo prazo, incluídos aqui os povos das florestas;
- III. prover recursos humanos capacitados para melhorar suas oportunidades de emprego e ascensão profissional;
- IV. expandir suas atividades para incluir a industrialização da madeira, produtos não-madeireiros e ecoturismo, e
- V. melhorar os modelos e técnicas de MF/EIR por meio de pesquisa aplicada.

O IFT também desenvolve ações voltadas para pesquisas florestais, as quais representam, aproximadamente, 15% dos recursos disponíveis da entidade. Essas pesquisas são realizadas, também, por intermédio de parcerias diretas com pesquisadores ou centros de pesquisa, tendo o seu foco sempre voltado para o desenvolvimento e aprimoramento de técnicas e soluções para os problemas enfrentados por quem pratica manejo florestal. O IFT possui co-autoria em 13 publicações e autoria em vários materiais didáticos como manuais, cartilhas e outros materiais utilizados nos treinamentos.

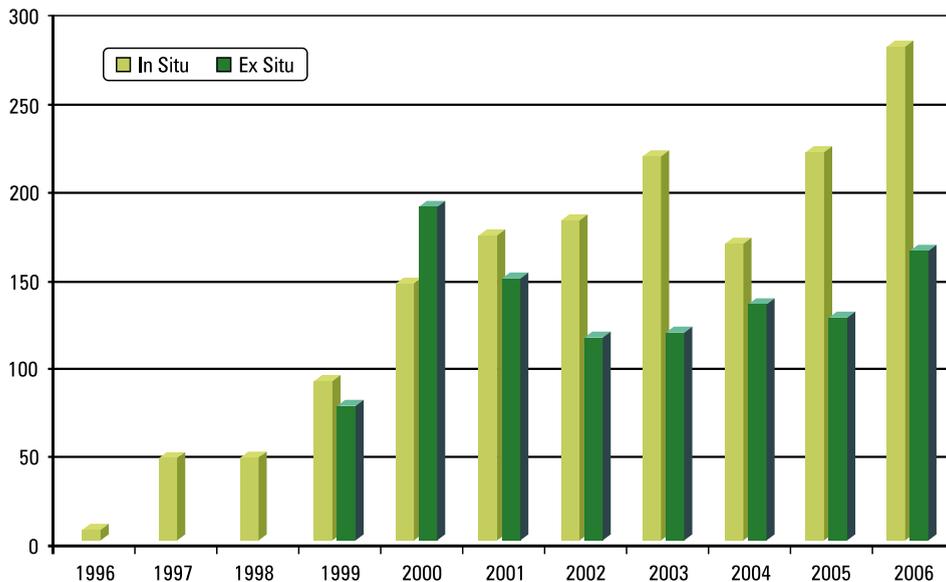
O IFT promove dois tipos de cursos:

Cursos *in situ*: são realizados em seu Centro de Treinamento na Fazenda Cauaxi, no município de Ulianópolis - PA, a cerca de 450 km de Belém, onde são promovidos (I) cursos abertos, onde o público em geral pode participar, e (II) cursos fechados, onde são formados grupos específicos de pessoas a partir de uma demanda levada ao Instituto.

Cursos *ex situ*: realizados fora do centro de treinamento, geralmente em local fornecido pelo contratante, onde a prioridade é a execução de cursos especificamente operacionais e voltados a um determinado fim.

Além dos cursos, o IFT desenvolve também atividades de extensão como palestras, seminários e *workshops*, que têm, como finalidade primordial, desmistificar o manejo florestal aos olhos do público interessado. Essas atividades são desenvolvidas, principalmente, nos primeiros meses do ano, período das chuvas, que é quando as atividades de capacitação são menos intensas. Anualmente mais de mil pessoas são sensibilizadas nessas atividades.

Número de participantes treinados por ano (1996 - 2006)



O gráfico acima representa a evolução dos treinamentos realizados pelo IFT desde o início de suas atividades, o que demonstra que o número de treinados nas atividades de MF e EIR é crescente, principalmente nos anos onde a USAID teve participação.

O PAPEL DO IFT NO ALFA

O IFT, no Consórcio Alfa, teve o papel de promover e disseminar informações e técnicas sobre manejo florestal, com a realização de eventos de capacitação, treinamento e, também, eventos de extensão florestal como oficinas, seminários e workshops. E isso contou com o envolvimento de todos os atores do setor florestal, de operadores de campo a elaboradores de políticas públicas.

O grupo que compôs o ALFA foi formado, como dito acima, por sete entidades, tendo como ponto focal a conservação das florestas e, como ponto de convergência de suas ações, o tema capacitação. De todas essas entidades, o IFT é a que apresenta maior experiência quando se trata de manejo florestal e, por isso, seu principal papel foi atuar neste segmento: capacitar e treinar pessoas para o manejo florestal sustentável, o que representou uma parte decisiva das atividades do Consórcio.

Sendo assim, o IFT procurou aprimorar e expandir o elemento sobre o qual já possuía conhecimento e experiência, qual seja, treinar pessoas para fazerem manejo florestal sustentável. Para tanto, procurou colocar em prática os conceitos e teorias discutidos em conjunto com os outros parceiros. Todas as ações realizadas ocorreram “em campo”, isto é, de forma prática, dentro da floresta, o que exigiu muito trabalho e dedicação por parte de sua equipe de instrutores.



Aula na Floresta

COMO VEM SENDO FEITA A CAPACITAÇÃO EM MANEJO FLORESTAL DO IFT

A capacitação em manejo florestal está, hoje, sendo difundida pela Amazônia. Além do IFT, existem outras entidades ou empresas que estão realizando esse tipo de treinamento. O Cenaflor - Centro Nacional de Apoio ao Manejo Florestal, tem articulado ações para aumentar a oferta de cursos e treinamentos e criar um padrão de qualidade entre os Centros de Treinamento existentes, hoje, na Amazônia. Como forma de apoio ao Cenaflor, o IFT disponibilizou todo o seu programa de capacitação e gestão dos eventos de treinamento, visando a subsidiar, técnica e cientificamente, a construção de uma política pública para promover o desenvolvimento de recursos humanos qualificados no setor.

Durante os últimos anos, o IFT preparou-se para realizar cursos voltados para a formação de instrutores em manejo florestal e, para isso, foi elaborado um manual², com o objetivo de fornecer parâmetros didáticos aos interessados em ministrar instruções sobre manejo florestal e exploração de impacto reduzido. A proposta é que esse documento sirva como um guia para os atuais e futuros instrutores ou replicadores, servindo-lhes como referência dos procedimentos utilizados pelo IFT em seus cursos.

Com relação aos eventos de capacitação operacional em manejo florestal e exploração de impacto reduzido (MF e EIR), propriamente ditos, é importante se levar em conta que estes somente terão sucesso, e atingirão seus objetivos, se as instruções forem executadas em locais adequados, entenda-se aqui florestas preparadas. Tentar ministrar cursos operacionais de técnicas de manejo florestal fora da floresta limita a compreensão dos participantes, visto que, sem uma floresta preparada é impossível demonstrar o resultado de se aplicar ou não determinada técnica de MF ou EIR. Tem-se, então, que o cenário é fundamental para garantir a qualidade dos cursos oferecidos.

O IFT trabalha com dois tipos de cenários. O primeiro, uma floresta onde já foi realizada a colheita florestal sem qualquer tipo de planejamento ou técnica de MF/EIR; o segundo cenário, uma floresta em regime de manejo florestal sustentado com EIR. Essa análise comparativa dos dois tipos de exploração florestal estimula o senso crítico dos participantes, fazendo-os refletir sobre as conseqüências de se adotar ou não técnicas de MF/EIR. É uma estratégia simples, mas que contribui, e muito, para a assimilação dos conhecimentos repassados durante os treinamentos.

² Documento em fase de finalização, no prelo.

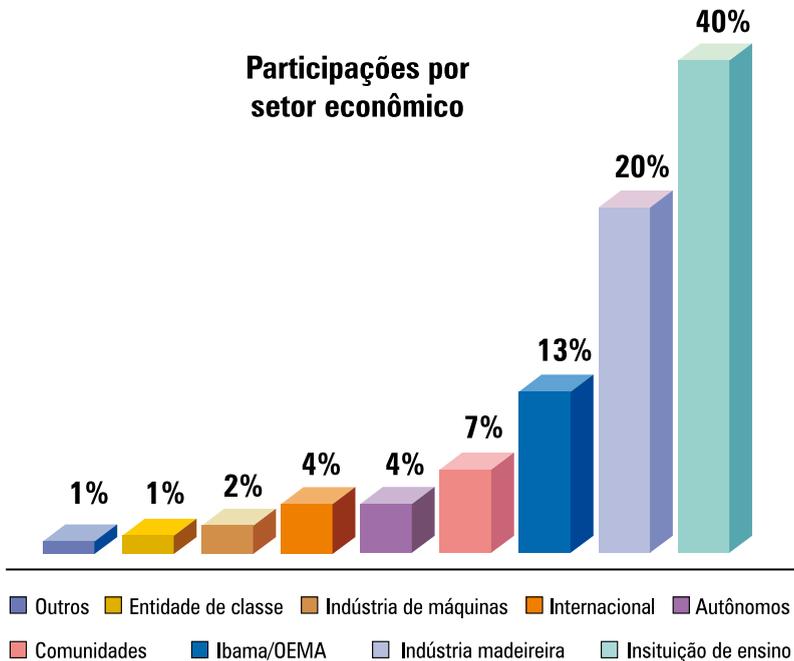
Outro fator de importância fundamental para uma realização adequada dos eventos de capacitação em MF/EIR é a predominância de atividades práticas. A exploração de impacto reduzido é uma atividade que se torna mais fácil de ser assimilada quando o participante executa ações no campo ou, mesmo, quando ele apenas observa o resultado prático daquelas ações. Dessa maneira, ele poderá entender melhor o porquê de se agir de uma determinada forma, bem como compreender os benefícios que a EIR gera para a floresta, para as pessoas e para o empreendimento florestal como um todo, reduzindo custos de produção e, ao mesmo tempo, diminuindo os danos e os desperdícios no processo de colheita florestal. Para o IFT, é impossível atingir bons resultados na capacitação em MF e EIR se não forem ministradas pelo menos 70% da carga horária em aulas práticas.

Capacitação prática em manejo florestal pressupõe atuar dentro de áreas de floresta, muitas vezes distantes, sujeitas a limitações de acomodação e infraestrutura, entre outras. Portanto, é essencial um planejamento bem detalhado dos tipos de ferramentas que serão necessárias para a logística e a organização de um evento de capacitação e treinamento em MF/EIR executado no campo. Pensando nisso, o IFT descreve, nos planos de aula, todos os equipamentos e ferramentas que serão fundamentais para o instrutor desenvolver sua atividade com sucesso. Outra recomendação é que todos os participantes de eventos de capacitação utilizem materiais e equipamentos de segurança quando estiverem trabalhando em campo, e que seja previsto, pela equipe coordenadora, um plano de emergência para acidentes na floresta, que contemple desde primeiros socorros, até mesmo o resgate e o transporte de feridos.

O DESAFIO DE LEVAR INFORMAÇÕES A TODOS OS PERFIS DE PÚBLICO

O IFT desenvolveu o seu sistema de capacitação em MF/EIR de forma a que os conteúdos de seus eventos sejam padronizados e organizados para alcançar qualquer público. Isso é feito por meio de ajustes na carga horária das atividades e na maneira de se ministrar as instruções, adaptando-se a didática utilizada.

Com esse objetivo, o IFT estabeleceu uma classificação didática, na qual se leva em conta o tipo de curso e o perfil dos participantes. Assim, os planos de aula foram desenvolvidos para cada atividade do manejo florestal e, em cada um daqueles planos, procurou-se detalhar a didática que o instrutor deverá utilizar, de acordo com o público e o tipo de curso.



O gráfico acima demonstra a variação da participação das classes econômicas atendidas pelas capacitações do IFT

POR QUE SELECIONAR AS PESSOAS E FORMAR GRUPOS

É importante lembrar que os eventos de capacitação possuem um custo que não é baixo, pois exigem uma equipe de instrutores preparados, uma logística específica e uma equipe administrativa para apoiá-los. É um alto investimento cuja eficácia vai depender de vários fatores. A experiência do IFT mostrou que uma determinada seleção de pessoas para formar grupos pode ter um impacto positivo sobre os resultados.

Por exemplo, um grupo de pessoas com experiências distintas, e que tenham aspirações semelhantes acerca de uma capacitação em manejo florestal, é um ponto muito favorável para a execução do treinamento. Um grupo assim constituído pode trocar experiências que enriqueçam os conhecimentos de cada um, e ajuda, também, a criar uma base harmônica no que se refere à participação individual e coletiva das pessoas que estão sendo capacitadas.

QUALIDADES BÁSICAS PARA TREINADORES E INSTRUTORES

Segundo nossa experiência, são necessários pelo menos 4 anos de prática na atividade para a formação de um bom instrutor de nível médio para atuar com manejo florestal, e, pelo menos, 5 anos de experiência, para a formação de um instrutor de nível superior, o que evidencia o alto investimento realizado pelo IFT para formar seus 14 instrutores florestais. Esse tempo é necessário para que se consolidem os conhecimentos e, também, para que o instrutor aperfeiçoe seu lado técnico, pedagógico e administrativo, buscando incorporar as inovações do MF e da EIR em suas instruções.

O formato adotado nos planos de aula que o IFT desenvolveu facilita a inclusão dessas inovações. Para isso, o instrutor deve se atualizar, conhecer e praticar as inovações que pretende inserir em seu programa de capacitação, para que, desse modo, possa ter segurança no momento de transmitir determinada técnica.

O perfil técnico do instrutor é importante no momento de escolher o tipo de atividade de manejo que será ministrada por ele. O IFT possui instrutores de nível superior, cargos ocupados por engenheiros florestais, instrutores de nível médio, representados por técnicos florestais, e instrutores do nível básico, representados por operadores de máquinas, que têm a função de instrutores operacionais.

Todo o programa de capacitação em MF e EIR que o IFT desenvolveu pode ser ministrado por instrutores de nível médio e básico. Isso se deve a sua praticidade e simplicidade na maneira de repassar o conteúdo. Todas as informações julgadas importantes pelos instrutores do IFT foram inseridas nos planos de aulas elaborados para cada atividade do manejo florestal.

Nesses planos estão descritos os perfis e quantidades de instrutores necessários para executar a instrução de cada atividade do manejo florestal. Dessa forma, é possível compor eventos de capacitação de acordo com as necessidades do público ou do programa exigido, permitindo o dimensionamento da equipe mínima de instrutores para cada evento.

O CONTEXTO DURANTE O PERÍODO DE TRABALHO NO CONSÓRCIO ALFA

Em outubro de 2003, o IFT iniciou a sua participação na realização das metas assumidas pelo Consórcio ALFA. Vale lembrar que essa época foi marcada por taxas recordes de desmatamento, muita madeira ilegal circulando no mercado e por crimes motivados por conflitos agrários e que alcançaram repercussão

internacional. Esses, e outros fatos, estimularam ações emergenciais do governo federal para tentar conter, ou pelo menos amenizar, essas pressões. Uma delas foi uma ação enérgica com relação às atividades florestais ao longo da estrada BR-163, que foram totalmente suspensas, incluindo-se aí dezenas de projetos de manejo florestal irregulares.

Também, foi um período no qual o governo sinalizou para uma mudança em toda a gestão florestal no Brasil, com a constituição ou reformulação de vários fóruns e comissões para a discussão sobre esse tema. Entre os que mais se destacaram estavam a Conaflor³ e as Câmaras Técnicas do Ibama. Tudo isso, acrescido de coletivos da sociedade civil, como o GT-Floresta⁴, permitiu que a sociedade acompanhasse as mudanças que estavam sendo planejadas e que acabaram acontecendo no final do Governo Lula, especialmente em 2006.

Esse período de transição foi difícil do ponto de vista da capacitação para o manejo florestal, pois as incertezas jurídicas dificultavam os trabalhos dos instrutores do IFT. Nesse cenário, em 2004, o IFT procurou seguir o planejado: treinar, capacitar e levar informações de como se manejar bem uma floresta. Contudo, avaliamos que isso não nos causou prejuízo, afinal, muitas das mudanças foram positivas e buscaram promover o bom uso das florestas de produção.

Para o IFT, as pessoas ligadas diretamente à exploração florestal são uma de suas prioridades, pois, agindo de forma correta, elas podem, de imediato, salvar muitos hectares de floresta da destruição. Desde o início das ações do IFT com o projeto ALFA, em 2004, foi possível notar uma mudança no perfil dos participantes dos eventos com relação aos anos anteriores: a diminuição na participação de pessoas ligadas à indústria madeireira, principalmente daquelas que estavam começando a trabalhar com técnicas de exploração de impacto reduzido. Tendo em vista a inexistência, naquele período, de regras claras para a exploração florestal, pode-se inferir que, por esse motivo, muitos empresários desistiram de investir em treinamento, pelo menos até que a situação legal do setor se definisse.

³ A CONAFLOR é uma comissão de caráter consultivo com o objetivo de propor e avaliar medidas para o cumprimento das diretrizes da política pública para o setor florestal, recomendar ações para o Programa Nacional de Florestas (PNF), promover a integração de políticas setoriais e propor, apoiar e acompanhar a execução dos objetivos do PNF.

⁴ O GT-Floresta é um grupo de trabalho constituído por entidades da sociedade civil pertencentes ao Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (FBOMS).

QUADRO 1 OS CUSTOS DO TREINAMENTO

É importante tornar claro que, para o setor florestal, capacitar uma equipe é parte de uma estratégia de investimentos, ou seja, da mesma forma como se compra uma máquina ou um equipamento qualquer, a decisão de realizar a capacitação é tomada com base nos mesmos parâmetros, sendo o principal deles a taxa de retorno do valor investido. Capacitar a equipe é um investimento vantajoso, cujo custo, porém, não é baixo.

Grandes empresários, que possuíam recursos para custear a capacitação de seus funcionários - como foram os que primeiro se iniciaram na certificação florestal FSC - puderam capacitar suas equipes utilizando os subsídios financeiros de projetos como o ALFA. Pagando apenas a taxa de inscrição, eles estiveram muito longe de arcar com os custos reais de uma capacitação.

Faz-se necessária, portanto, a oferta de subsídios para grande parte do público do IFT, incluídos aqui os pequenos agricultores, colonos, comunitários, estudantes e mesmo os micro e médio empresários do setor florestal, que não possuem condições de investir, com recursos próprios, em treinamento e capacitação. Caso contrário, estes serão excluídos das possibilidades de capacitação.

QUADRO 2 DE ELABORAR A IMPLEMENTAR

O grande desafio no início do século XXI, para os atores da área florestal que trabalham com manejo, é **IMPLANTAR** os projetos.

Durante a década de 90, houve uma grande demanda para se aprender a **ELABORAR** um bom projeto de manejo florestal, pois o governo brasileiro, por intermédio do Ibama, exigia apenas um projeto bem elaborado para autorizar o uso de determinada floresta. No entanto, isso mudou. Atualmente, o governo, federal ou estadual, quer saber, também, como estão sendo implantados esses projetos, o que muda radicalmente a elaboração dos planos, uma vez que passam a ser exigidas, tanto dos engenheiros florestais, como dos proprietários dos empreendimentos, explicações de como devem ser realizadas determinadas atividades em um projeto de manejo florestal. Ou seja, agora é necessária coerência na execução, para que esta esteja em conformidade com o projeto elaborado. Além disso, são exigidos, também, o acompanhamento e o registro de todos os trabalhos realizados.

Esta última exigência, o monitoramento, deve ser o reflexo de uma boa **IMPLEMENTAÇÃO**, o que nos leva a concluir que esse novo desafio não visa somente a "legalizar" um determinado projeto florestal, mas visa, principalmente, a sustentá-lo ecológica, econômica e socialmente.

DIFICULDADES ENFRENTADAS

Capacitar pessoas não é tarefa fácil. Torna-se ainda mais difícil quando, às dificuldades naturais advindas dessa atividade, aliam-se fatores externos alheios a nossa vontade.

Assim ocorreu em 2005, quando o Ibama atrasava a liberação dos Planos Operacionais Anuais das indústrias madeireiras, o que, como consequência, acabava impedindo que estas capacitassem seus operadores. Como agravante, essa demora estimulava a ilegalidade, pois os pátios das serrarias que trabalhavam dentro da lei ficavam vazios, enquanto que as serrarias clandestinas tinham os seus, abarrotados de madeira.

O mesmo ocorreu quando pessoas pertencentes a alguns movimentos, que dificilmente poderíamos afirmar que eram sociais, invadiam áreas de empresas certificadas, impedindo, assim, a sua recertificação e degradavam a floresta com técnicas predatórias de extração de madeira.

SUCESSOS ALCANÇADOS

Durante os trabalhos com os parceiros do consórcio ALFA, o IFT conseguiu cumprir, e até superar, os compromissos assumidos com relação ao número de pessoas treinadas e de eventos realizados. O que demonstrou, não somente a capacidade do Instituto em atender aos seus compromissos, mas, também, a existência de uma grande demanda para levar informação sobre manejo florestal aos interessados.

O apoio da USAID a esse projeto ajudou muito as escolas de nível técnico da Amazônia que formam técnicos florestais, pois nenhuma delas tem condições de custear os cursos do IFT sem algum apoio. Se, no início dos nossos trabalhos, há doze anos atrás, não havia nenhuma escola com esse perfil na Amazônia, hoje, já são mais de quatro. O Instituto possui uma relação estreita com três delas, a Escola Agrotécnica Federal de Manaus, a Escola Agrotécnica Federal de Castanhal e a Escola Juscelino Kubitscheck de Marituba, no Pará. Em todas estas, os cursos do IFT já fazem parte da grade curricular, e um problema é o fato dessas escolas dependerem de recursos, muitas vezes captados pelo próprio IFT, para realizar as capacitações de seus alunos. Quando o IFT consegue subsídios, elas pagam de 15 a 20% dos custos do treinamento, o que ocorreu durante o período dos trabalhos no Consórcio ALFA.

Podemos concluir afirmando que a participação da USAID na capacitação de pessoas em manejo florestal sustentável na Amazônia foi, de um modo geral,

decisiva para a mudança de pensamento de muitos atores. Indivíduos que, anteriormente, somente tinham como opção a degradação da floresta, foram treinados e mudaram suas mentalidades, evoluindo para o uso racional dos recursos naturais, com o uso de tecnologias, novas ou tradicionais, que priorizam o meio ambiente, a vida social e o baixo custo.

públicas quanto florestais é um dos maiores desafios de manejo nas paisagens deste século.

A certificação florestal amadureceu como opção de manejo comunitário e empresarial. O manejo florestal comunitário abre perspectivas de gestão participativa e opções de mercado cada vez mais promissoras. O ordenamento territorial e gestão indígena dos recursos naturais promete manter vastas paisagens florestais íntegras, com possibilidade de retorno econômico pela proteção dos serviços ambientais.

Porém talvez o maior avanço no manejo nas paisagens brasileiras é a conscientização e a busca da responsabilidade individual e coletiva sobre o manejo das terras - seja no extrativismo, na sojicultura, na pecuária, ou na agroenergia.

Nada mais surpreendente do que a evolução rápida na paisagem corporativa do “agribusiness” brasileiro em prol da responsabilidade social e ambiental na produção e comercialização dos “commodities” agrícolas. O reconhecimento pelo mercado global da importância do manejo adequado, respeitando as reservas legais e áreas de preservação permanente é um avanço enorme na busca da sustentabilidade.

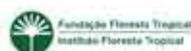
A publicação deste livro acrescenta mais uma ferramenta para os tomadores de decisão e para os praticantes de manejo com a documentação de iniciativas promissoras e experiências bem sucedidas de manejo nas paisagens, abordando desde técnicas de monitoramento e planejamento até capacitação e treinamento.

Eric Stoner

Coordenador Geral,
Meio Ambiente da USAID/Brasil.

Este livro, por meio das experiências desenvolvidas no âmbito da Aliança para a Floresta Amazônica e a Mata Atlântica, o chamado Consórcio Alfa, oferece um panorama do manejo florestal no Brasil e do contexto que o circunda, principalmente na Amazônia. O Consórcio Alfa reuniu, durante quatro anos, sete organizações da sociedade civil, com distintos perfis de atuação, em um trabalho conjunto e complementar. Entre seus objetivos estavam a busca pela melhoria das políticas, das práticas de manejo e da governança, gerando e disseminando informações de modo a tornar os processos decisórios mais fundamentados e, conseqüentemente, mais democráticos. Os artigos aqui apresentados mostram os avanços obtidos com o Consórcio e revelam que há, ainda, muito a fazer.

Organizações parceiras do Consórcio ALFA



Apoio:

